

O dizer da guerra na poética de Ruy Duarte de Carvalho

Isabelita Maria Crosariol ¹

RESUMO: O artigo tem por objetivo propor reflexões a respeito do modo como a violência é abordada por Ruy Duarte de Carvalho em seus poemas. Tomando como matéria literária a violência que se instaurou em Angola durante a guerra pela independência, que se prolongou nos longos anos de guerra civil, e cujas conseqüências são observadas ainda hoje, o escritor expõe, em seus textos, imagens e memórias de um país que, embora tenha sido intensamente oprimido durante as guerras, ainda se mostra como um espaço possível de ser reconstruído.

Palavras-chave: Angola; Guerra; Literatura.

Dizer da guerra em Angola? ou dizer antes... de Angola na guerra?

*

Melhor ainda, talvez:... *Dizer da guerra, em Angola...* com uma vírgula de permeio a querer dizer: *a partir de Angola, de dentro de Angola, como é vivida em Angola?*

Ruy Duarte de Carvalho

Extraída da obra intitulada *Actas da Maianga... dizer da guerra, em Angola*, a epígrafe que abre esta comunicação evidencia dois traços marcantes da produção poética de Ruy Duarte de Carvalho. O primeiro, refere-se ao desejo do poeta de expor imagens da violência que permeia a história angolana (sobretudo as vinculadas aos últimos anos da guerra pela libertação, e aos longos anos da guerra civil), e de questionar suas causas e implicações. Já o segundo, relaciona-se ao compromisso de fazê-lo a partir de seu lugar enquanto intelectual e cidadão angolano, ciente de que, para se conhecer verdadeiramente Angola, é necessário que se veja de perto (ou ainda, que preferencialmente se conviva com) algumas das dificuldades diariamente enfrentadas pelas maiorias minoritárias do país.

¹ Doutoranda em Estudos da Literatura pela PUC-Rio

Como o próprio poeta afirma, foi o fato de ter vivido como cidadão comum, e de ter “cozinhado na marmita do desconcerto local, e geral” (CARVALHO, 2003, p. 56), que acabou por lhe colocar em uma posição vantajosa: a de poder dizer de Angola não apenas aos que estão fora de Angola (pois esteve e ainda está lá dentro), mas também àqueles que, confinados à capital ou isolados da vida “real” em órgãos administrativos, acabam por ter uma visão limitada do próprio lugar em que vivem. Mesmo em Angola há quem pense (ou melhor, quem prefira pensar), que Angola é só Luanda, e que dirigir o olhar para além da capital é uma afronta, pois significa ocupar-se “de coisas, de configurações e de situações, tão localizadas que [...] nem Angola é... Angola, mesmo, é mais miséria, confusão, conflito, armas e roque, então, não é?” (CARVALHO, 2003, p. 91).

Não, não é bem assim. Afinal, a história pode ser interpretada sob inúmeras perspectivas, e acreditar que aquilo que é alheio a Luanda deve ser desconsiderado é apenas uma delas. Trata-se de uma perspectiva que erroneamente julga que aquilo que não é central é menos evoluído e, conseqüentemente, não tem necessidade de ser incorporado historicamente.

Edward Said, ao publicar no final da década de 1970 sua conhecida obra *Orientalismo*, já apontava o fato de que, durante um longo tempo, subjacentes aos discursos de poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, entre outros, havia um modo de pensar baseado na distinção entre o mundo ocidental (concebido como o mundo do progresso) e o mundo não-ocidental (símbolo do atraso cultural). Ao se diluir nas tramas dos tecidos verbais que esses escritores produziam, o Orientalismo revelava-se como uma ferramenta capaz não apenas de contribuir para a criação de uma visão estereotipada do mundo não-ocidental, como também de assegurar o controle desse mundo por parte do Ocidente (SAID, 2007).

Ao abordar especificamente a concepção ocidental do continente africano, Leila Leite Hernandez (2005), em sua obra *A África na sala de aula*, propõe-se a investigar as relações entre o olhar imperial e a invenção da África. Segundo a pesquisadora, a partir do século XVI,

[...] a atividade do conhecer passa a ser reconhecida como um privilégio dos que são considerados mais capazes, mais bem-dotados, sendo-lhes, por isso, conferida a tarefa de formular uma nova visão de mundo, capaz de compreender, explicar e universalizar o processo histórico.

Significa dizer que o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens e estereótipos que compõem um “olhar imperial” sobre o

universo. Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento do continente. (HERNANDEZ, 2005, p. 18-9)

A África dos discursos ocidentais (e mesmo a dos discursos ocidentalizados) é, portanto, uma África inventada, deformada pelo olhar narcisista daquele que a enxerga. Nos textos ocidentais, olhar a África implica sempre a existência de uma visão de fora para dentro que, ao desconsiderar a complexidade e a dinâmica cultural próprias do continente africano, toma-o como espaço sem nação, sem Estado, sem passado, sem História. (HERNANDEZ, 2005).

Produzida a partir da década de 1970, e estando em oposição a esse contexto, a obra poética de Ruy Duarte de Carvalho deixa transparecer um universo literário inclusivo, no qual a voz do intelectual que escreve não é nem a voz de alguém que *fala dos angolanos*, tampouco a voz de alguém que *fala pelos demais angolanos*. A voz de seus poemas é uma voz coletiva:

A voz vem do ser.
A voz vem do sangue
a voz vem das vozes
caídas na luta
perdidas no cerco
do tempo cumprido
nas dobras do pranto.

A voz vem de um grito
vertido no peito da raça humilhada
que é grande e preserva
a força de erguer
de encontro ao passado
a voz do presente
gritada com a rubra
certeza de ter
para dar ao futuro
a glória soberba
da voz da vitória.
(CARVALHO, 2005, p. 101)

Nos poemas de Ruy Duarte de Carvalho, a voz do intelectual é a voz daquele que *fala com os demais angolanos*. Os textos do poeta, antes de serem espaços em que o discurso

africano se ocidentaliza, são espaços democráticos nos quais as diferenças se conciliam. É justamente em função disto que eles acabam se tornam espaços de aproximação da oralidade com a escrita, do saber institucionalizado com os saberes locais, da língua portuguesa com as línguas africanas, do intelectual com o povo.

Data de 1972 a publicação de *Chão de Oferta*, primeiro livro de poemas de Ruy Duarte de Carvalho. Na obra, o poeta não apenas anuncia o lugar de onde fala, como também define seu projeto artístico-literário quando escreve:

Eu vim ao leste
dimensionar a noite
em gestos largos
que inventei no sul
pastoreando mulolas e anharas
claras
como coxas recordadas em maio.

Venho de um sul
medido claramente
em transparência de água fresca de amanhã.
De um tempo circular
liberto de estações.
De uma nação de corpos transumantes
confundidos
na cor da crosta acúlea
de um negro chão elaborado em brasa.
(CARVALHO, 2005, p. 35)

“Venho de um sul” é o título do poema. Esse mesmo sul será reiteradamente referenciado em toda a criação do artista (seja no cinema, na prosa ou na poesia). O sul é, para Ruy Duarte de Carvalho, o lugar da invenção, espaço em que a história pode ser reescrita; lugar no qual a “transparência de água fresca” surge em oposição à noite (tomada como metáfora para a guerra colonial); onde o tempo circular e liberto (próprio das sociedades africanas) se sobrepõe ao tempo linear e excludente dos discursos ocidentais.

Em 1976, Ruy Duarte de Carvalho publica *Das Decisões da Idade*, obra que, reunindo textos do poeta escritos entre 1972 e 1974 capta a esperança da mudança que possivelmente viria com a independência. É, portanto, somente a partir de *Exercícios de Crueldade*, livro de 1978, que as imagens da guerra civil angolana serão incorporadas aos poemas do escritor,

acompanhadas da triste constatação de que à guerra colonial seguiu-se outra guerra ainda mais sangrenta. Assim, em “Memória da guerra de julho”, o poeta comenta:

É preciso que aconteça numa manhã sem sol e sem recurso
para o cansaço que o corpo traz da noite. É preciso também
valorizar o medo. Dizer assim, talvez:
- a guerra continua, dormi a noite toda
e a guerra continua.

[...]

Os contornos estão perdidos para sempre. Agora é a memória,
a madrugada, a opacidade imaculada do silêncio.

Esta era a profecia. O retrato fiel do fim do mundo.

*

É já apenas só uma memória.
Falo da luz que irradiava dos cadáveres
e das águas fermentadas que os continham.
Havia um frasco, enorme.
Crescera desmedido para albergar compassos de uma guerra longe:
os ecos todos dos obuses todos
os glaciares do medo nas arenas do norte.

À volta uma manhã que era já quente, a luz rente de outubro,
a iminência da dissolução.
E havia o frasco, um frasco enorme, prismático e aberto,
o amarelo de uma água velha,
matéria a mais propícia à gestação dos limos e das algas.
À tona alguns cadáveres, o ventre exposto, inchado e branco,
alguns também retidos na verdura
e os olhos sobretudo, provocação soberba da miséria.
Quando isto aconteceu eu era muito novo
e sem recursos para iludir surpresas.

Mais tarde atravessei cidades mortas
Não as temi.
Morte ou memória? Como entendê-lo agora?
(CARVALHO, 2005, p. 59)

Ao contrário do que se imaginava em Angola, a independência em 1975 não correspondeu a um marco do fim da violência no país. Além da violência que continuou a ser trazida com o preconceito, com o silenciamento de sujeitos marginalizados pelo poder, estava

a violência da guerra civil angolana. “A guerra continua, dormi a noite toda/ e a guerra continua” (CARVALHO, 2005, p. 59).

Dividido entre as lembranças da luta pela independência e as imagens da guerra civil observadas no presente, o poeta chega à conclusão de que a dura experiência da guerra civil lhe deu forças para atravessar cidades mortas no presente. Da dor da guerra, portanto, ficou o aprendizado. Além disto, se antes o poeta não tinha “recursos para iludir surpresas”, hoje ele tem a literatura para ajudá-lo a lidar com os impactos da violência.

Em sua criação poética, portanto, é tomando como matéria a ser trabalhada literariamente o contexto de violência que se instaurou em Angola durante a guerra pela independência, que se prolongou mais intensamente nos longos anos de guerra civil, e cujas conseqüências são observadas ainda hoje, que Ruy Duarte de Carvalho evidencia que o sul – não apenas o sul global, mas também o próprio sul de Angola (tantas vezes esquecido) – tem muito a ensinar.

Em conferência recentemente proferida na cidade de São Paulo, por ocasião do *I Seminário Internacional África em Movimento*, o sociólogo moçambicano Elísio Macamo (2008) comentava que, na vida, há apenas duas coisas a serem tomadas em consideração: ou se é africano ou não. E, para aqueles que se reconhecem africanos, duas outras coisas ainda haviam de ser tomadas em consideração: ou se é sujeito da história ou não. Neste processo reflexivo, é somente a partir do momento que o africano se reconhece como sujeito da história que tem início sua luta para purificar o conhecimento de todos os etnocentrismos e para não deixar sua história morrer.

Para Macamo (2008), se os africanos querem efetivamente sobreviver, devem aprender a filosofar de verdade, isto é, a filosofar sobre o sul. Todavia, “sul” neste caso não se refere ao espaço geográfico tomado em oposição ao norte, mas sim, para usar uma definição de Denise Barros (2008) exposta no mesmo evento, ao espaço onde as não-hegemonias se realizam.

É em função disto que, na poética de Ruy Duarte de Carvalho, dizer de Angola a partir de uma perspectiva não-excludente e não-estigmatizada (em oposição, portanto, à prática tão freqüentemente observada nos discursos coloniais), só se torna uma tarefa possível em

decorrência do lugar ao sol e ao sul adotado pelo poeta em seu discurso. É voltando seus olhos para os povos pastoris do sul de Angola, interagindo com grupos marginalizados até mesmo em seu próprio país, que o escritor tem a oportunidade de perceber e de questionar o modo como o poder local atua, e de negociar a inserção de temporalidades não-hegemônicas na história angolana.

Eis, então a razão pela qual, Ruy Duarte de Carvalho, concebendo a sua criação como espaço a ser compartilhado entre o intelectual e o povo, e entre africanos e não-africanos, por meio da literatura nos estende suas mãos para nos ofertar o sul:

Quando
Ansiosa
pela primeira vez
pisares a terra que te ofereço
estarei presente para auscultar
no ar
a viração suave do encontro
da lua que transportas
com a sólida
e materna nudez do horizonte.

Quando
Ansioso
te vir a caminhar
no chão de minha oferta
coloco
brandamente
em tuas mãos
uma quinda de mel
colhido em tardes quentes
de irreversível
votação ao Sul.

Trago
para ti
em cada mão
aberta
os frutos mais recentes
deste outono
que te ofereço verde:
o mês mais farto de óleos
e ternura avulsa.
E dou-te a mão
para que possas
ver
a vastidão
sonora

de uma aurora
elaborada em espera
e reflectida
na rápida torrente
que se mede em cor. (CARVALHO, 2005, p. 21)

ABSTRACT: This work aims to propose some considerations about the way Ruy Duarte de Carvalho focuses the theme of violence in his poems. The writer, taking as literary material the violence that took place in Angola in the independence war, the violence that went on during the long years of the civil war and whose consequences are still seen nowadays, reveals in his texts images and memories of a country that, although has been intensely oppressed during the wars, still shows itself as a place possible of being rebuilt.

Key-words: Angola; War; Literature.

Referências Bibliográficas

- Barros, Denise. Abertura do *I Encontro Internacional África em Movimento*. São Paulo, 2008.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Actas da Maianga... dizer das guerras, em Angola...* Lisboa: Cotovia, 2003.
- _____. *Lavra: Poesia Reunida 1970-2000*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo negro, 2005.
- MACAMO, Elísio. “Modernidade em África: a hegemonização cultural como violência” in *I Seminário Internacional África em Movimento*. São Paulo, 2008.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.